

Dr. Robert A. Peterson, Salvação, Sessão 12, Justificação, Número 1, Reconhecimento Histórico

© 2024 Robert Peterson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Robert Peterson em seu ensinamento sobre Salvação. Esta é a sessão 12, Justificação, Número 1, Reconhecimento Histórico.

Continuamos nossas palestras sobre a Doutrina da Salvação, voltando nossa atenção para a justificação.

No início dessas palestras, dissemos que investigaríamos a teologia histórica em três lugares importantes, um dos quais é a justificação. Aqui está um esboço do que esperamos cobrir juntos. Após o breve prelúdio bíblico, então o reconhecimento histórico, a visão católica romana da justificação, o Concílio de Trento e então o Catecismo da Igreja Católica.

Trento está em meados de 1500, e esse catecismo é de 1992. E então a Reforma e a justificação. Então, há a justificação, formulações sistemáticas, sua necessidade, sua fonte, sua base, os meios pelos quais a fé não funciona, e a imputação da justiça de Cristo.

Esse é o nosso esboço. Um breve resumo bíblico novamente. A retidão nas escrituras deve ser definida não meramente como fidelidade à aliança, mas como conformidade a uma norma e conformidade a um padrão, e o padrão é, em última análise, o caráter santo do próprio Deus.

Como Deus é justo, sua justiça se manifesta quando ele julga e pune os ímpios por seus pecados. Ao mesmo tempo, vemos a justiça salvadora de Deus para aqueles que confiam em sua salvação. Também vimos que a justiça de Deus é forense; a justiça de Deus também é forense e não transformadora.

Somos declarados justos, não tornados justos. Posso mencionar de passagem que isso é exatamente verdade. A justiça de Deus é declarativa, é forense, pertence ao tribunal, não é transformadora.

Mas salvação é ambos. Salvação é transformadora; aspectos dela não são apenas justificação. Somos declarados justos, não feitos justos.

Notavelmente, a justiça salvadora e julgadora de Deus se juntam na cruz. Deus, em seu grande amor, enviou seu filho para suportar sua ira e mostrar seu amor pelo mundo. O filho, por causa de seu grande amor pelo Pai e por nós, voluntariamente suportou essa ira para que na cruz, tanto a santidade de Deus, sua justiça julgadora e sua misericórdia, sua justiça salvadora pudessem ser mostradas.

Para aqueles que confiam em Cristo, a justiça de Deus é imputada a eles por meio da união com Cristo. Os crentes são justificados somente pela fé, e ainda assim, como é frequentemente dito, tal fé não está sozinha. Boas obras são necessárias para a justificação, mas funcionam como a evidência necessária ou fruto da justificação, não sua base.

Reconhecimento histórico, a visão católica romana da justificação, o Concílio de Trento, 1545-1563. A teologia histórica é simplesmente essencial para este tópico. Devemos entender esses debates para entender o ensino da Bíblia corretamente.

O Concílio de Trento foi um concílio ecumênico da Igreja Católica Romana, realizado em Trento, Itália, em três sessões entre 1545 e 1563. O concílio foi a resposta católica à teologia da Reforma e à crítica aos abusos eclesiásticos da Igreja. A Reforma criticou a teologia católica romana, mas também criticou os abusos da vida católica romana.

O concílio elucidou e redefiniu a doutrina de Roma, especialmente à luz dos ataques da Reforma, corrigiu muitos abusos eclesiásticos e deu-lhes crédito. Os reformadores estavam apenas indignados que os padres, oh, eles não se casavam, mas tinham concubinas e todos os tipos de filhos ilegítimos. Roma estava envergonhada.

Roma respondeu tentando limpar seu ato. O concílio deixou clara e redefiniu a doutrina de Roma, sendo mais específica à luz dos ataques da Reforma, corrigiu muitos abusos eclesiásticos e fortaleceu a autoridade papal, a autoridade do Papa. Foi o início da contrarreforma por meio da qual muitos antigos seguidores de Roma foram recuperados.

Estou apenas dando fatos históricos. O Concílio de Trento rejeitou muitas doutrinas da Reforma, incluindo a sola scriptura, a visão de que somente a Bíblia é a autoridade máxima para teologia e ética. Roma disse que não, é de fato nossa autoridade, mas é nossa autoridade junto com a tradição sagrada.

Elas são autoridades duais e, claro, na visão de Roma, elas não se contradizem e, às vezes, a tradição sagrada nos dá informações que não são realmente claras nas escrituras, por exemplo, a doutrina do purgatório. Não é ensinado nas escrituras. Na verdade, Roma costumava usar alguns textos de prova, mas os abandonou em grande parte porque eram muito ruins.

Mas a tradição sagrada ensina isso. Bem, como Lutero disse, as escrituras devem julgar a tradição sagrada porque ela se contradiz por uma coisa, e mais importante, às vezes, ela contradiz a Bíblia. Então, Roma rejeitou a sola scriptura, que, como eu disse em uma palestra anterior, não significa que usamos apenas a Bíblia, mas que a Bíblia é suprema.

Claro, apelamos à tradição, à nossa razão; poderíamos fazer teologia sem pensar? E até mesmo à nossa experiência, mas que sola scriptura não significa somente a Bíblia, mas somente a Bíblia como nossa principal norma, a chamada norma normativa que julga nossa razão, nossas tradições e nossa experiência como o teste supremo da verdade tanto para a doutrina quanto para a ética. Roma também rejeitou a sola fide, que a justificação é somente pela fé, ensinando que é pela fé e pelas obras. Em 16 parágrafos, capítulos como são chamados, o primeiro decreto do concílio sobre justificação estabeleceu a doutrina católica romana oficial, e não se engane sobre isso, em oposição à teologia da Reforma.

Aqui está um resumo desse decreto, promulgado em janeiro de 1547. O conselho usa a palavra justiça, enquanto nós usaríamos a palavra retidão. Na verdade, são sinônimos, mas nós diríamos que a retidão é imputada a nós, eles diriam justiça de Cristo, é isso que eles querem dizer com essa expressão.

Preparação para justificação, a primeira coisa, primeiro capítulo, primeiro ponto. Adultos devem se preparar para justificação. No outono, o livre arbítrio foi atenuado e curvado. Isso é uma citação, mas não extinta.

A graça preveniente de Deus, já ouvimos isso antes, permite que os adultos se convertam à sua própria justificação. Perdoe-me enquanto eu suspiro novamente ao livremente consentir e cooperar com essa graça dita. Observe que a graça é necessária, certo? E a queda afetou os seres humanos, até mesmo a vontade humana. Ela atenuou essa vontade.

Mudou-a em uma direção negativa; dobrou-a para baixo, mas não a extinguiu. Em outras palavras, estamos espiritualmente feridos, mas não mortos. Além disso, essa noção de graça preveniente, como vemos em Santo Agostinho, significa a graça de Deus que previne, que precede, que vem antes da fé.

Isso é um ensinamento bíblico? Sim. Embora eu tenha dificuldade em encontrar exatamente a palavra graça usada dessa forma, o conceito é claramente bíblico. A graça de Deus vem antes da fé.

Mas como disse Santo Agostinho, essa graça não apenas liberta nossa vontade e nos capacita a escolher Deus, ela realmente nos salva. E não é universal; é particular. Deus a dá ao seu próprio povo.

Claro, Arminius discordou e ensinou que a graça preveniente universal precedente veio a todo ser humano, capacitando-o ou a ela a crer no evangelho e ser salvo. É uma jogada brilhante. É a cola que mantém unida a teologia arminiana de John Wesley porque o capacita a preservar a liberdade humana na salvação, que é realmente o que ele está fazendo, ao mesmo tempo, reconhecendo a graça de Deus.

Então, o wesleyanismo não é uma teologia baseada em obras, e é uma teologia baseada na graça e na fé. A questão para mim é: a Bíblia ensina essa visão da graça preveniente universal? Minha própria resposta é que não. Mencionei antes Brian Shelton, meu antigo aluno, que é um sujeito piedoso, e concordamos em muitas coisas.

Nós discordávamos sobre o que era graça preveniente. Ele é um irmão arminiano. Até hoje, temos boa comunhão.

Com meu incentivo, entre outras coisas, ele escreveu um livro sobre graça preveniente, e eu lhe darei o resumo novamente. Bom tratamento da teologia histórica. Bom trabalho em sistemática.

É a cola que mantém unida uma sistemática arminiana evangélica. É muito melhor do que a de Charles Finney, ou de Norm Geisler, ou de Clark Pinnock, que não ensinam essa graça preveniente universal e, portanto, têm uma vontade semelhante à que acabei de ler sobre Roma, que não está realmente em cativeiro ao pecado. Ah, sim, disse Wesley, ele escreveu toneladas de coisas.

Anotações sobre todo o Antigo Testamento, notas sobre todo o Novo Testamento, traduziu a Bíblia. Não sei quantos cavalos ele gastou, mas ele foi a cavalo pregando o evangelho em todos os lugares, e o verdadeiro evangelho, por isso nos alegramos. Ele escreveu todos os tipos de folhetos e tratados e assim por diante, mas um livro didático, se preferir, um livro acadêmico, e esse é sobre o pecado original, e ele acreditava nele.

Mas o que ele deu com uma mão, ele tirou com a outra por causa dessa doutrina da graça preveniente universal. Na verdade, não existe tal coisa como qualquer ser humano incapaz de ser salvo porque a graça de Deus vem a todos e anula os efeitos da queda em uma área: a vontade. Então, os livros de teologia calvinista falam sobre a incapacidade dos pecadores de serem salvos; há uma seção chamada depravação total, incapacidade.

Os melhores livros-texto arminianos falam sobre habilidade graciosa, tecnicamente afirmando incapacidade, mas na prática isso não existe. De qualquer forma, Roma é similar, como eu disse. Voltando ao livro de Brian Shelton, ele é bom em teologia histórica, sem dúvida; ele tem um PhD nisso. Bom em sistemática, meu Deus, ele aprendeu isso comigo, ele aprendeu, mas estou tentando ser engraçado aqui.

É sistemática arminiana, mas é lógica, coerente e correta; faz sentido. A dobradiça em que tudo gira é essa graça universal e preveniente em que a doutrina da salvação gira. Ele e eu concordamos em muitas, muitas outras áreas: a Trindade, a pessoa e a obra de Cristo, e assim por diante.

Mas a fraqueza de seu bom livro sobre graça preveniente está em seus fundamentos bíblicos. Agradei a ele; ele nem me perguntou, mas dedicou o livro a duas pessoas, uma sou eu, e ao meu antigo professor Robert Peterson, que discorda de muito do que escrevi neste livro, porque ele me encorajou a escrever isso e me tratou de forma justa. Bem, louvado seja o Senhor, é verdade.

Trent diz que há preparação para a justificação. Sim, nossas vontades são afetadas pela queda, mas elas não são extintas. Podemos nos converter à justificação ao livremente consentir e cooperar com a graça precedente de Deus.

Então, obtemos graça, e então temos que cooperar com ela. Quando fazemos isso, na verdade obtemos mais graça que nos permite ser salvos. Definição de justificação, segundo Trent.

Justificação não é uma declaração de retidão. Sabe de uma coisa? Elas são diretas, não são? Elas recebem um A por serem francas, mas uma infusão da graça de Deus. Novamente, os parágrafos são chamados de capítulos, capítulos 7 e 16.

A graça de Deus nos capacita a sermos justificados pela retidão inerente a nós. Essa mesma é a justiça, diríamos retidão de Deus, porque é infundida em nós por Deus através do mérito de Cristo. Além disso, a justificação não envolve somente o perdão do pecado, mas também a santificação e renovação do homem interior.

O capítulo 7 rejeita descaradamente o entendimento de Lutero e Calvino sobre o evangelho. A justificação é uma declaração de retidão. Quando eles dizem que é uma infusão da graça de Deus, Roma então ataca consistentemente o protestantismo por perpetrar uma ficção legal.

Essas não são minhas palavras. O grande teólogo filosófico católico romano Carl Rayner, que dominou o Vaticano II, os documentos foram escritos de um tipo católico conservador. Todos eles foram reescritos com base em sua poderosa influência, e acabamos com os pontos fortes e fracos do Vaticano II.

Coisas boas. Os católicos são encorajados a ler e interpretar a Bíblia. Antes, eles não eram encorajados a ler a Bíblia.

Se você pode acreditar nisso, eles não eram. Agora eles são. No entanto, a igreja foi levada na direção do inclusivismo.

Meu Deus. O conceito de cristianismo anônimo de Rahner. Aqueles que sentem sua necessidade existencial de que Deus se dirija a eles no mundo, mesmo por meio de suas religiões mundiais, lançam-se à misericórdia de Deus.

Isto é inclusivismo. Na verdade, é questionável se o Vaticano II espera por universalismo da mesma forma que os teólogos protestantes liberais. Em todo caso, esta é uma crítica muito importante.

Karl Rahner disse que a doutrina protestante da justiça imputada de Cristo é um manto jogado sobre um cadáver. É uma ficção legal. Tenho duas respostas para isso.

Número um, não é uma ficção legal. É uma verdade legal. Os elementos dos aspectos da aplicação da salvação vêm de diferentes esferas.

Duas delas são legais. A adoção é no tribunal de família. Voltaremos a isso depois de lidar com a justificação.

Deus adota em sua família; ele coloca em sua família crentes em Cristo como Redentor. Ele os aceita em sua família, e os chama de seus filhos ou filhas. Isso é no tribunal de família.

Justificação sem pedido de desculpas é uma doutrina legal. Está na divisão criminal do tribunal onde Deus como Pai declara justo todo aquele que crê em Jesus a quem Deus credita a justiça salvadora de Cristo. Isso não é uma ficção legal.

É uma verdade legal. Além disso, essa noção de um manto jogado sobre o cadáver é totalmente errada porque, sim, dois dos oito ou dez aspectos da aplicação da salvação, depende de como você os conta, são fé e arrependimento dois, ou conversão é um, assim? Não importa para mim.

Duas são legais, adoção e justificação, mas todas elas não são legais. Algumas delas são transformadoras. A regeneração envolve, como vimos, Deus concedendo nova vida aos pecadores, e isso é transformador.

Na verdade, não tenho problema em chamar isso de infusão de graça. Mas justificação não é uma infusão de graça. Meu Deus, dizer que justificação é uma infusão de graça é confundir o evangelho com a vida cristã.

E assim, mesmo hoje, encontramos amigos, bons amigos e vizinhos, não apenas católicos, mas protestantes, que estão buscando se tornar o povo de Deus sendo bons cristãos. Não, você se torna homem ou mulher de Deus crendo em Jesus. E sim, você quer viver para ele, mas suas boas obras nunca irão salvá-lo.

Deus nos dá o Espírito Santo. Isso é uma infusão de graça. Nós recebemos graça.

É transformadora. Então, se combinarmos, se nós, a justificação não é transformadora, é declarativa, é forense, pertence ao tribunal. No entanto, não está sozinha.

Deus regenera. Deus santifica seu povo, não apenas constituindo-os santos de uma vez por todas, santos em santificação inicial, mas dando-lhes seu espírito e começando a transformar suas vidas. Então, com respeito à franqueza de Roma, isso é embaraçoso.

Justificação não é uma infusão da graça de Deus. É exatamente uma declaração de retidão, como podemos ver. A propósito, tenho um problema com sistemática.

Você coloca a teologia histórica na frente e então faz a exegese e a sistemática à luz dela? É o que estamos fazendo dessa vez. É discutível. Ou você a coloca depois da exegese, talvez antes da sistemática, ou depois da exegese, depois da sistemática, para avaliá-la? Você não pode vencer.

Então, farei isso aqui em detalhes e apenas me referirei a isso mais tarde. De qualquer forma, para o bem ou para o mal. Fé e justificação, segundo Trent.

Somos, citando, justificados pela fé porque a fé é o começo da salvação humana, o fundamento e a raiz de toda justificação. Esse é o capítulo 8. Boas obras, mérito e justificação, citando, a vida eterna deve ser proposta àqueles que trabalham bem até o fim e esperam em Deus, tanto como uma graça misericordiosamente prometida aos filhos de Deus por meio de Jesus Cristo quanto como uma recompensa, que é de acordo com a promessa do próprio Deus, a ser fielmente prestada às suas boas obras e méritos. Está dizendo que é tanto fé quanto obras.

Mais uma vez. A vida eterna é para aqueles que trabalham bem até o fim e esperam em Deus, ambos como uma graça misericordiosamente prometida aos filhos de Deus por meio de Jesus Cristo. Amém, eu posso dizer amém para essa parte.

É o, e isso me pega. E como uma recompensa que é, de acordo com a promessa do próprio Deus, ser fielmente rendida às suas boas obras e méritos. Não.

A única boa obra que nos salva é a boa obra de Jesus na cruz. Calvino também tem uma seção das Institutas, Livro 3, capítulo alguma coisa, sob justificação. Cristo mereceu graça e salvação para nós.

Isso é verdade. Isso é verdade. E nós nos alegramos com isso.

E reconhecemos que a salvação é pelas obras. Mas as obras de Jesus, nunca as nossas obras. Aumento da justificação.

Estou sufocando outro suspiro. Aumento da justificação. As pessoas foram justificadas, entre aspas, pela observância dos mandamentos de Deus e da igreja, a fé cooperando com as boas obras.

Aumento naquela justiça, leia-se retidão, que eles receberam pela graça de Deus e são ainda mais justificados. Esta é uma teologia de mérito. As pessoas foram justificadas, cito, pela observância dos mandamentos de Deus e da igreja.

Não. Não. Somente pela fé em Cristo.

Somente pela graça, somente pela fé, somente em Cristo. A fé cooperando, diz Trento, com as boas obras. Eles aumentam naquela retidão ou justiça, que receberam pela graça de Cristo e são ainda mais justificados.

É impossível aumentar a justiça de Cristo imputada à nossa conta bancária espiritual. É por isso que Deus nos aceita. É por isso que os reformadores têm uma doutrina da certeza da salvação.

Porque se depender do meu mérito, se depender do meu aumento da justiça de Deus misericordiosamente dada a mim, nunca terei certeza da salvação. Essa teologia faz hipócritas ou pessoas deprimidas. Não falo com um espírito mesquinho, mas estou despertado como um teólogo exegético.

Certeza de salvação. Aqui vai. Esta é a vã confiança dos hereges que alegam que seus pecados estão perdoados ou se gabam. Estas são citações, vã confiança dos hereges, citações que alegam que seus pecados estão perdoados e citações que se gabam ou se gabam da confiança e certeza da remissão de seus pecados.

Ainda citando. Antes, aquele que perseverar até o fim, será salvo, fechar citação. Portanto, citação, que ninguém aqui prometa a si mesmo algo como certo com certeza absoluta.

É a confiança dada aos pecadores crentes pela palavra de Deus de que qualquer um que confia no Senhor Jesus Cristo, que não há condenação para aqueles que estão em Cristo Jesus, Romanos 8.1. Que nada nos separará do amor de Cristo Jesus, nosso Senhor, Romanos 8.38 e 39. Esta é uma confiança bíblica de pecadores que confiam em Jesus como Senhor e Salvador. E sim, envolve não apenas a imputação da justiça de Cristo, mas, de acordo com Romanos 4, a não imputação de pecados, que Paulo cita do Salmo 32.

Bem-aventurado o homem ou a mulher. Bem-aventurado o homem cuja transgressão é perdoadada, cujo pecado é coberto. Bem-aventurado o homem contra quem o Senhor não conta iniquidade e em cujo espírito não há engano.

Em Romanos 4, Paulo fala da justiça de Cristo nestes mesmos termos. Verdadeiramente abençoada, ele diz, é a pessoa a quem Deus credita justiça

independentemente de obras. E ele cita o Salmo 32 ali mesmo, que na verdade fala tecnicamente da não imputação de pecados.

A imputação positiva da justiça de Cristo é equivalente à não imputação de pecados. Sim, devemos perseverar até o fim para sermos salvos, como veremos quando estudarmos a doutrina da perseverança dos santos. Mas nós o fazemos, nós devemos fazê-lo, e o faremos pela graça superadora de Deus.

A preservação de Deus assegura nossa perseverança até o fim. Não prometemos nada a nós mesmos. Deus promete, como em 1 João 5. Eu escrevo estas coisas, 1 João 5:12 . João diz Eu escrevo estas coisas a vocês que creem no nome do Filho de Deus, para que vocês saibam que têm a vida eterna.

Roma realmente ensinou a certeza da salvação como um presente dado por Deus a certos super santos. 1 João 5:12 não foi escrito para super santos. Foi escrito para cristãos comuns que, em seu contexto histórico, foram abusados por falsos mestres que ensinavam cristologia e ética cristã defeituosas e rejeitavam as pessoas que não aceitavam esses falsos ensinamentos, sacudindo a poeira de seus pés e deixando-os como uma congregação machucada e maltratada.

Para eles, João escreve, vocês sabem que nasceram de novo porque creem que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, que derramou seu sangue para o perdão dos nossos pecados. Para eles, ele escreve, vocês sabem que nasceram de novo porque Deus os ensina pelo seu Espírito a amar uns aos outros. Vocês sabem que nasceram de novo porque não praticam o pecado como faziam antes de serem salvos.

Vocês praticam a justiça, assim como Jesus Cristo é justo. Estas coisas vos escrevo, 1 João 5:12, a vós que credes no nome do Filho de Deus, para que saibais que tendes a vida eterna. Perda da justificação.

Este está entre os documentos do Concílio de Trento, que Roma considera um concílio ecumênico da Igreja Cristã tanto quanto o Concílio de Nicéia ou o Concílio de Calcedônia, onde o acordo cristológico definitivo foi alcançado. Perda da justificação. Citação, Deus não abandona aqueles que já foram justificados por sua graça, a menos que ele seja primeiro abandonado por eles.

Ainda citando, onde ninguém deve se gabar somente da fé. Citação: a graça revelada da justificação é a graça recebida, a triste graça da justificação é perdida não apenas pela infidelidade, descrença, ou seja, pela qual até a própria fé é perdida, mas também por qualquer outro pecado mortal. No entanto, a fé não é perdida.

Roma distingue entre pecados mortais e de negação. Os primeiros são aqueles que nos condenam aos olhos de Deus. Os últimos são pecados menores.

E aqui eles estão ensinando que qualquer pecado mortal envolve a perda da justiça, da retidão, da justificação. E Deus nos segura enquanto nós nos seguramos nele. Que ninguém se iluda com a fé somente.

O povo de Deus que crê em Jesus não se bajula. Eles se exaltam no Senhor Jesus Cristo e em seu sangue salvador e justiça. E eles desfrutam do perdão gratuito dos pecados e da certeza da salvação em Cristo.

Recuperação da justificação. Os justificados pela graça, se caírem, citação, talvez novamente justificados pelo sacramento da penitência. Fechar citação.

Isso envolve contrição, confissão, absolvição e satisfação, não, entre aspas, para a punição eterna, que é junto com a culpa remida pelo sacramento, mas para a punição temporal. Isso está no capítulo 14 das declarações do Concílio de Trento.

Aqui está o padrão, as instruções e os passos de Roma para o perdão. Ninguém comete um pecado sério. Contrição, confissão, absolvição, satisfação.

Contrição é uma tristeza e arrependimento interior sério por esses pecados. Confissão, reconhecer esses pecados. Francamente e abertamente em privacidade a um padre ordenado por um bispo na Igreja Católica Romana.

Absolvição, ouvir as palavras do perdão sacerdotal naquele mesmo contexto. E então satisfação, realizar certas obras em satisfação, render o fazer humano para demonstrar a realidade de nossa confissão. Dizer tantas Ave- Marias , dizer tantos Pais-Nossos, a Oração do Senhor, e assim por diante.

Roma mantém sete sacramentos. Um é a penitência ou confissão. Isso perdoa, segundo Roma, a punição eterna.

A punição temporal é necessária para reduzir os anos de alguém no purgatório. Caso eu não diga, mais tarde, os documentos do Vaticano II reforçam o ensinamento de Roma sobre o purgatório. Como poderia ser de outra forma? As declarações de um concílio ou de um papa falando ex cathedra.

Isto é, cada declaração de um papa não é dogma, mas declarações de um papa promulgadas em seu papel oficial na cadeira de Pedro. Essas declarações e as dos concílios são consideradas não apenas doutrina, mas dogma. Elas não podem ser mudadas, e os católicos devem acreditar que são católicos fiéis.

Agora, os católicos americanos não são fiéis; eles acreditam no que querem. Um amigo meu lecionou no Geneva College, perto de Pittsburgh, e diferentes faculdades cristãs têm diferentes abordagens. Era uma área muito católica romana.

Genebra aceitou estudantes católicos romanos e ensinou-lhes a fé reformada e a fé evangélica e reformada. Um amigo meu estava ensinando uma classe de talvez 100 alunos, e depois de ganhar a confiança deles como um professor da Bíblia e como um homem de Deus que os amaria independentemente de sua origem, ele disse, quantos de vocês são católicos romanos? Metade das mãos se levantou. Quantos de vocês acreditam no purgatório? Um punhado de mãos se levantou.

Eles não têm o direito de escolher assim. Isso é americanismo, não catolicismo. Oh , meu Deus.

De qualquer forma, justificação ou retidão ou justiça podem ser perdidas, mas podem ser ganhas novamente através dos sacramentos da igreja: perseverança e justificação. Citação: Trento ensinou que se aquele que perseverar até o fim, será salvo.

Segue-se, na verdade isso é verdade, mas tem que ser corretamente entendido dentro de um complexo inteiro de entendimentos teológicos. Segue-se uma transição do primeiro decreto sobre justificação para cânones. Passamos de decretos em capítulos para cânones.

Depois dessa doutrina católica da justificação, essa é uma citação, que todo aquele que não recebe fiel e firmemente não pode ser justificado, pareceu bem ao Santo Sínodo, Assembleia Geral, anexar esses cânones, para que todos saibam não apenas o que devem manter e seguir, mas também o que evitar e evitar. Essa é uma citação, essa é uma transição das declarações para os cânones. Depois dessa doutrina católica da justificação estabelecida no que acabei de resumir, é mais envolvente.

Dei as partes mais importantes. Quem não recebe fiel e firmemente não pode ser justificado. Pareceu bom ao Santo Sínodo juntar estas, adicionar estes cânones, para que todos saibam não apenas o que devem manter e seguir, mas também o que evitar e evitar.

Então, em 33 cânones, você pode ser feliz. Vou lhe dar apenas três. Em 33 cânones e declarações, o Concílio condena todos os que discordam da doutrina católica. Aqui está uma amostra.

Estou lendo isso como uma pessoa que ensinou a teologia de João Calvino e a teologia de Martinho Lutero muitas vezes. Sei quem é o alvo desses cânones; desculpe, é uma peça ruim, um trocadilho ruim. Cânone número nove, se alguém disser que somente pela fé o ímpio é justificado de tal forma que significa que nada mais é necessário para cooperar a fim de obter a graça da justificação e que não é de forma alguma necessário que ele seja preparado e descartado pelo movimento de sua própria vontade, que seja anátema.

Isso significa condenado. Vou traduzir isso. Se alguém disser que somente pela fé os ímpios são justificados de tal forma que eles querem dizer que nada mais é necessário para cooperar a fim de obter justificação, e que não é de forma alguma necessário ser preparado por sua própria vontade, que seja condenado.

Novamente, eles não estão enrolando, e não estão dando declarações opacas, estão? Talvez agora você veja, você entenda por que eu acho isso importante. Cânon 11, se alguém disser que os homens são justificados pela única imputação da justiça de Cristo, retidão de Cristo, ou pela única remissão de pecados com a exclusão da graça e da caridade, amor, que é derramado em seus corações pelo Espírito Santo e é inerente a eles, ou mesmo que a graça pela qual somos justificados é apenas o favor de Deus, que seja anátema. Tradução, se alguém disser que as pessoas são justificadas pela justiça de Cristo imputada somente ou pelo perdão dos pecados, omitindo a graça e o amor derramados em nossos corações pelo Espírito Santo, e que é infundido neles, ou que graça significa simplesmente o favor de Deus, que seja condenado.

É exatamente o que Lutero disse que era. É a boa vontade de Deus quando merecemos sua má vontade. É Deus nos aceitando quando merecemos seu desprazer.

Roma não está meramente discordando dessas coisas. Primeiro, quando eles expõem sua doutrina, eles então, na transição, dizem que você deve acreditar nela para ser salvo. Se não, você está perdido.

Agora eles estão dizendo que se você acredita na doutrina da Reforma, você está condenado, 33 vezes. A última que vou lhe dar é a número 33 em si. Se alguém disser que pela doutrina católica, com C maiúsculo, tocando a justificação por este santo sínodo inserido neste presente decreto, se alguém disser que a glória de Deus ou os méritos do Senhor Jesus Cristo são de alguma forma derogados, e não que a verdade da fé e a glória em última análise, a glória de Deus e de Jesus Cristo são tornadas mais ilustres, deixe-o ser, sabe de uma coisa? Desculpe, eu rio ou choro.

Se alguém disser que este ensinamento oficial do Concílio de Trento estabelecendo o dogma católico romano sobre a justificação estabelecido tanto positiva quanto negativamente nestas declarações, que esse ensinamento diminui a glória de Deus ou os méritos de Cristo, em vez de estabelecer a verdade da fé e promover a glória de Deus em Cristo, que seja condenado. Em nossa próxima palestra, nos tornaremos mais modernos e lidaremos com o Catecismo da Igreja Católica, 1992.

Este é o Dr. Robert Peterson em seu ensinamento sobre a Salvação. Esta é a sessão 12, Justificação, Número 1, Reconhecimento Histórico.